



Só em milho, amendoim e mandioca, mais de Cr\$ 6 milhões

## Plano agrícola de índios já supera a meta

Com um investimento da ordem de Cr\$ 3 milhões 300 mil em projeto agrícola junto à comunidade Kaingang de Tupã, São Paulo, a Fundação Nacional do Índio (Funai) prevê para este ano uma produção de 6.300 sacas de 60 quilos de amendoim, milho e mandioca, avaliada em Cr\$ 6 milhões e 200 mil. Na semana passada os 155 índios Kaingang, cuja reserva ocupa uma área de 726 hectares, começaram a colheita de 20 hectares de amendoim. A produção esperada é de aproximadamente 1.600 sacas e será comercializada em Tupã.

Além do amendoim, os Kaingang cultivam 20 hectares de mandioca, de onde esperam uma produção de 1.200 sacas de farinha, e 70 hectares de milho, cuja produção é estimada em 3.500 sacas. A colheita do milho começará este mês, estendendo-se até abril, e a da mandioca somente no período de agosto a setembro.

Os índios Kaingang, entretanto, extrapolaram o projeto agrícola elaborado pela Funai. Na área do Posto Indígena Vanuire estão plantados 10 mil pés de café, além de uma horta coletiva que oferece à comunidade verduras e legumes durante todo o ano. Têm também uma área para pomar onde são encontrados cerca de 80 abacateiros, 10 mil pés de abacaxis e diversas outras frutas como pêssego, laranja, goiaba, jambo, pitanga etc.

### PARTICIPAÇÃO

Toda a comunidade participa dos trabalhos de desenvolvimento da lavoura, sob a orientação do chefe do Posto Indígena, Nelson Antônio de Mello, há dois anos na área.

Segundo os índios, Nelson está na relação dos melhores chefes que já tiveram. Ituri, índia Meinako do Xingu, que vive há muitos anos entre os Kaingang diz que "seu" Nelson nunca cansa. Ele pega na enxada junto com todos os índios e está sempre procurando fazer alguma coisa para nós ajudar e facilitar a nossa vida".

Os índios não trabalham apenas na lavoura coletiva, cada um tem sua área individual e plantam arroz, milho, feijão, mandioca e batata. A produção é estocada para o consumo da família. Caso haja excedentes, são comercializados e o lucro obtido fica com o chefe da família.

A comunidade Kaingang tem ainda um rebanho de 54 cabeças de gado girolanda. A produção leiteira não é comercializada. Ela é distribuída entre as 25 famílias indígenas, de acordo com o número de filhos. Os adultos, em sua maioria, não têm o hábito de tomar leite.

O rebanho fica sob os cuidados de Biriba, Kanuto e Kula. Este último é um índio de 11 anos de idade, filho de Biriba (técnico do Vanuire Esporte Clube). Todos dizem que Kula nasceu para ser boiadeiro, pois a mansidão do gado é graças ao trabalho dele. Kula passa quase que o dia todo montado numa vaca ou em um cavalo no meio do rebanho.

Os índios Kaingang reclamam muito por uma visita do "grande cacique", isto é, pela presença do presidente do órgão tutelar. Alguns dizem que os funcionários da sede da Funai esqueceram deles porque é muito difícil alguém ir visitá-los. Mas, por outro lado, apreciam o trabalho que vem sendo realizado.

O capitão da comunidade, Antonio Lecui, disse que antes da Funai implantar o projeto, não só ele como muitos outros trabalhavam como "bóia fria" nas fazendas vizinhas. "O trabalho era muito duro e não se tinha a fatura de hoje, pois o dinheiro que se ganhava era muito

pouco", conta Antonio.

### INFRA-ESTRUTURA

O Posto Indígena Vanuire, situado a 22 quilômetros do município de Tupã (SP), é dotado da infra-estrutura necessária para atender a comunidade Kaingang. Os índios contam com uma enfermaria, uma escola de 1º Grau, galpão para máquinas, tudo construído em alvenaria.

O Posto conta ainda com uma casa-sede, utilizada como residência do chefe do PI; um escritório, para os serviços administrativos; e um depósito, onde é armazenada a produção. Todas essas construções são em madeira.

Em função do grau de aculturação dos Kaingang (em vias de integração), a escola e a enfermaria são utilizadas também pela comunidade envolvente. No período das aulas índios e "civilizados" estudam juntos. E em casos de acidentes, os empregados e seus filhos das fazendas vizinhas procuram o posto de saúde da área indígena.

### AZER

A grande diversão da comunidade é o futebol. Todos os domingos os índios se reúnem no campo de futebol, situado dentro da reserva, para jogarem uma partida com os times de Tupã ou das fazendas próximas.

De acordo com Biriba, técnico do Vanuire Esporte Clube, o time participa de todos os campeonatos promovidos na região. Ano passado, por ocasião dos festejos da Independência do Brasil, o Vanuire E.C. participou de cinco torneios, ficando em segundo lugar em todos eles. O prêmio recebido foi uma bola.

Durante a semana, após um dia de trabalho na lavoura, os índios se reúnem no refeitório da escola para ver televisão. O aparelho é coletivo e foi adquirido pela própria comunidade.

Utilizam o salão da escola também para promoverem bailes. "Geralmente eles fazem de um a dois bailes por mês. Nunca tomo a iniciativa. Eles promovem e organizam tudo: os mais velhos ficam como fiscais, para evitar a entrada de alguém embriagado ou armado; convidam os amigos de outras fazendas, providenciam os refrigerantes e as mulheres sempre fazem alguma coisa para comer", conta o chefe do Posto.

Os índios Kaingang não trabalham mais com artesanato nem fabricam armas como flexas, arco, tacape e outras. São essencialmente rurícolas. A única anciã da reserva, Candira, com mais de 80 anos, ainda fabrica algumas peças em barro.

Conforme o chefe do PI, Nelson, a vida no meio dos Kaingang é muito saudável, pois "o maior problema que um chefe de posto pode encontrar numa aldeia é a bebida. Aqui, depois de um longo trabalho de conscientização, os índios não bebem.

— Além disso — continua Nelson — o nosso trabalho recebe total apoio da 12ª Delegacia Regional da Funai, a quem estamos jurisdicionados. Duas vezes por mês faço uma reunião com a comunidade. Nessas reuniões são discutidos todos os problemas e, em comum acordo, procuramos a solução.

Com o lucro obtido na venda do amendoim e do excedente comercializado das lavouras individuais, o Posto Indígena Vanuire está passando por uma fase de transformação. As casas de madeira estão sendo substituídas por casas de alvenaria (pré-moldado). Cada casa custa em média cr\$ 500 mil. O chefe do posto espera até o começo de 83 ter construído as 25 casas necessárias para abrigar todas as famílias Kaingang.